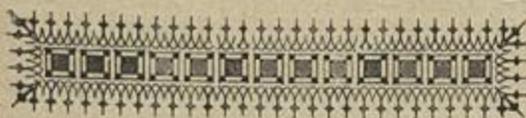
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 849

30 DE JULHO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. JOÃO PAULINO D'AZEVEDO E CASTRO — NOVO BISPO DE MACAU

CHRONICA OCCIDENTAL

As noticias ultimamente chegadas das possessões portuguezas em Africa são bastante animadoras. Quer no Barué, quer no Bailundo, ha toda a esperança de se ver muito brevemente restabelecido o socego.

Parece que os negros receberam com grande terror a noticia de ser a expedição dos nossos soldados commandada por João de Azezedo Coutinho, um dos mais prestigiosos nomes da marinha portugueza.

Apesar das difficuldades da marcha para o interior, o valente official conta, antes do fim do anno, ver pacificada toda a região, inflingido o devido castigo á gente do Caboemba.

Mais positivas são as noticias que chegam do Bailundo, a cuja fortaleza, conforme telegramma recebido pelo sr. ministro da marinha, chegou no dia 10 a columna commandada pelo tenente Paes Brandão e composta de setenta praças. Por duas vezes o gentio a quiz atacar, mas no dia 16 as tropas sahiram da fortaleza, protegidas pela artilharia, e os negros fugiram desordenadamente, abandonando mantimentos e grande quantidade de munições.

Foi morto um dos chefes de guerra e outro ficou gravemente ferido. Tres europeus, que haviam sido presos pelo gentio, foram postos em liberdade.

A columna expedicionaria tem continuado em suas sortidas, mas sem tornar a encontrar o inimigo, que, segundo parece, se está concentrando em Quissange. Para este ponto vão seguir tropas com urgencia.

Diz-se agora serem muito exagerados certas noticias que correram referentes a actos crueis praticados pelos negros d'esta região e que muitos boatos se espalharam e foram transmittidos como certos, sendo alguns d'elles redondamente falsos.

Ora, em tempos de tantas falsificações, falsificar uma noticia chega a ser qnasi innocente. Mais mentira, menos mentira, mais susto ou menos susto pregado aos outros, é coisa que já não doe na consciencia de ninguem. Verdade é que no desmentido é que póde estar a mentira.

Tudo se falsifica, tudo. A ultima pouca vergonha, que n'este máo genero se descobriu ha pouco no Porto foi, nem mais nem menos, que farinha de trigo imitada com serradura de madeira, gêsso e outros ingredientes de egual innocencia. E com isso e pouco mais se fazia o pão que a gente comia!

Os homens deviam de ter ouvido falar em farinha de páo e julgaram talvez que seria serradura, pouco mais ou menos.

A sciencia das falsificações tem progredido tanto que, afóra o fazer-se vinho com tudo quanto ha menos uvas, café moido e torrado com grão de bico, cevada e bolota, café em grão com favas cortadas na forma precisa, manteiga de vacca com gorduras dos canos, etc., até já se conseguiu fabricar ovos artificiaes.

O mundo vae sendo o verdadeiro paraizo dos ladrões!

Só faltava a serradura! A continuarmos assim até o padre nosso se mudava: A serradura de cada dia nos dae hoje!

Já tomámos leite, vinho e café que nos viraram as tripas, já fumámos folha de couve, já comprámos fosforos contra incendios, já nos deram chouriço com anilina, gordura de barata por manteiga ingleza, gêsso por assucar; só faltava que o proprio pão, já muito longe de ser bom, nos fosse feito nas fabricas de serração.

Esta é das peores. Dizia-se d'antes que para uma educação boa era preciso páo n'uma mão e pão na outra. Segundo estes senhores será, d'óra ávante, páo nas duas mãos. Quem lh'o dera nos lombos!

A culpa não é só d'elles, é de todos, é da lama em que o mundo cahiu, só respeitando quem tem dinheiro. O dinheiro esse é que o ideal; ter dinheiro e o mais pouco importa. Fizessem elles a tramoia com maior cuidado, enchessem bem as burras, que a consideração não lhes faltaria depois. Quantos ahi conhecemos nós enriquecidos, cujos processos de obter riqueza não foram muito mais limpos? Quem se importa com isso? Todos os cumprimentam quando passam e, se tem filhas para casar, namoram-lhes as filhas.

Quem andou n'estes ultimos tempos com um verdadeiro ideal de justiça sei eu. Tinham que pagar coisas falsas, pão, carne, vinho, legumes, café. Não viam por essas ruas senão mulheres pintadas de loiro e cheiinhas de pó de arroz. Gastar com elles e com ellas os ricos cobres!... Nunca! E vai d'ahi, levados certamente por um nobre impulso de justiça, fizeram dinheiro falso.

Sob este ponto de vista muito especial, não ha duvida, andaram muitissimo bem. Infelizmente para elles, a policia, que raciocina pouco, mostrou-se de opinião diametralmente opposta.

E ahi principia um romance á Gaboriau, com scenario sempre differente, ora Lisboa, ora Madrid, ora o comboio, ora Alpiarça, com hespanhoes, portuguezes, estalagens misteriosas, antros escuros, disfarces da policia, toda a metralha que é de uso n'estes casos de sensação.

Os homens parece que falsificavam notas, moedas de prata, moedas de nickel, creio que tambem. Eram uns artistas raros. Apesar de tudo, foram

apanhados, cahindo na mais simples esparrela, que um bufo lhes armou. E' uma attenuante, que podem apresentar ao juiz: são gente de muito boa fé.

Quem com ferro mata, com ferro morre. Deviam de saber isso. Pois se elles tinham para viver a boa fé dos outros, porque lhes não bastou essa e deixaram que abuzassem da sua?

O dramasinho pequenino entreteve assim a curiosidade publica, que se distrahiu das duas tragedias principaes d'este principio de seculo; o desastre da Martinica e o desenlace da guerra do Transwal.

Entretanto uma e outra ainda deram que falar em Lisboa, a primeira recordada pela toirada que na praça do Campo Pequeno se realisou a favor das victimas, a segunda pela partida dos boers no transporte inglez *Bavarian*, de dez mil tonelladas, que ao porto de Lisboa os veio buscar.

A toirada promovida pela colonia franceza teve uma enchente á cunha e os toiros do sr. Faustino da Gama foram dos melhores que este anno teem vindo á praça de Lisboa Os amadores foram applaudidos, porque muitos d'elles andaram como verdadeiros artistas.

Assistiu a familia real, que expressamente veio de Cintra, para onde voltou a passar o verão, depois das felizes melhoras da Rainha Senhora D. Amelia.

Depois da tourada o sr. ministro de França offereceu um jantar aos que tanto para brilhantismo da festa haviam concorrido.

Com rumo feito ao Cabo da Boa Esperança iam entretanto navegando, recolhendo á sua terra natal, os emigrados boers que de Peniche, de Alcobaça e das Caldas da Rainha haviam sido transportados para Lisboa.

Todos, já a bordo, bradavam commovidos vivas a Portugal e ao povo portuguez.

Muitos d'elles escreveram cartas aos officiaes que haviam sido encarregados de seu tratamento em Portugal e n'ellas expõem os motivos da sua gratidão.

Levam alguns boas recordações da sua estada entre nós, ha dois até que d'aqui levam suas mulheres.

Por occasião da partida do *Bavarian* esteve em Lisboa o celebre dr. Guilherme Leyds, que foi ministro plenipotenciario do Transwal nos paizes da Europa. Alojou-se no hotel de Bragança e encheu-se de espinhos para defender-se de toda entrevista com os reporters dos jornaes.

As cartas escriptas pelos boers em que todos mais ou menos, revelam sua gratidão pelo acolhimento que, tristes vencidos, acharam em nosso paiz, desmentem formalmente todas as accusações que, muita vez, a Portugal foram feitas por uma imprensa estrangeira de felizmente reconhecida venialidade.

Houve, dizia um jornalista, um boer que se lhe queixou de que, chegados a Portugal, ainda a bordo, as senhoras, por despreso, lhes atiraram cascas de laranja!

A peta era grande, era para ninguem a acreditar; mas hoje tudo se digere, a mentira mais gorda e a serradura. Ha estomagos a tudo afeitos.

João da Camara.

D. João Paulino d'Azevedo e Castro

NOVO BISPO DE MACAU

Não é uma biographia que vamos apresentar, mas uns ligeiros apontamentos, reservando a penna mais competente, traçar o perfil biographico d'este Principe da Egreja.

O novo bispo de Macau é um dos prelados mais esclarecidos do nosso tempo. É realmente um homem recto e de boa fé. A sua carreira ecclesiastica é exemplo de sua modestia e simplicidade verdadeiramente christã.

Trabalhador incansavel, segue caminho sem pruridos de notariedade, nem ambições de grandezas ou de gloréolas ephemeras. Espitiro tolerante, impõe-se ao respeito dos seus concidadãos pelo seu caracter honesto e firme. É um apostolo convicto, um obreiro de fina tempera.

* * *

Nasceu o novo Prelado Ultramarino na villa das Lages da ilha do Pico, aos 4 de Fevereiro de 1852. Descendente d'uma familia illustre, foram seus paes: Amaro Adrião d'Azevedo e Castro e a morgada D. Maria Albina Carlota de Bettencourt, abastados proprietarios no concelho das Lages

Frequentou o Lyceu Nacional da Horta, ilha do Fayal, e seminario de Coimbra onde estudou preparatorios de 1869 a 1874, anno em que se matriculou na faculdade de theologia da universidade, concluindo a sua formatura em julho de 1879.

Em agosto do mesmo anno, recebeu em Angra do Heroismo todos os graus de ordens até ao de presbytero, por graça especial do fallecido Bispo da Diocese D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, que, tendo conhecimento das qualidades e illustração do novel theologo, o havia convidado a reger uma cadeira no Seminario Diocesano.

Foi effectivamente nomeado no mez d'outubro seguinte professor d'aquelle Instituto, cargo que tem exercido com subida proficiencia e illustração, de que é exemplo frisante o esclarecido clero açoriano.

Em 1888 foi nomeado Conego da Sé Cathedral de Angra, com onus de ensino no Seminario, sendo em 1889 elevado á dignidade de Thesoureiro-mór da mesma Sé. Em 1901 foi promovido á dignidade de Arcediago de cujo cargo ainda não havia tomado posse, quando apresentado na Diocese de Macau.

Desde 1890 que se achava investido no elevado cargo de Vice-Reitor do Seminario de Angra e foi no exercicio d'estas funcções que o novo bispo demonstrou as suas brilhantes qualidades. Animado de um espirito de independencia e de justiça, o digno Prelado levantou o nivel d'aquelle Instituto de instrucção ao brilhante logar que hoje occupa, com o seu exemplo de moralidade, ensinando os verdadeiros principios da religião christã, com a simplicidade e a crença dos primeiros apostolos do Christianismo.

A sua sahida d'aquella casa de educação é uma perda, para os alumnos do Seminario de Angra e para toda a Diocese.

Durante 23 annos consagrados ao seu santo ministerio, tem o novo bispo accumulado, simultaneamente, a regencia de varias cadeiras dos cursos preparatorio e theologico. Tem desempenhado importantes commissões na Diocese, taes como: examinador pro-synodal, cargo este que obriga a um aturado trabalho pelo grande movimento da Diocese em exames de pregadores, confessores, collações, etc.

Em diversas circumstancias tem exercido commissões importantes com intervenção no governo da Diocese, tendo feito parte da junta governativa do Bispado durante a ausencia dos Prelados; ultimamente exercia o cargo de Provisor.

Foi portanto a larga folha de serviços prestados, por este digno e exemplar Sacerdote, que determinou o governo de Sua Magestade a apresental-o por decreto de 24 de maio ultimo Bispo da Diocese de Macau.

E, com tanto aprazimento foi recebido por S. S. o Papa Leão XIII, este acto do Real Padroeiro que, em Consistorio de 9 de junho, passados apenas 16 dias, era confirmada a nomeação pela Santa Sé.

E' este, certamente, um testemunho, bem eloquente, do acerto de tal nomeação.

* * *

E' mais um filho dos Açores que pelo seu trabalho honrado e digno se eleva a uma das mais culminantes posições da hierarchia social.

Devem orgulhar-se os açorianos, ao vêrem engrandecida a galeria dos homens illustres do seu paiz, por mais um conterraneo seu, que ascendeu aquelle alto cargo, não pelos favoritismos, muitas vezes injustos, da politica, a que é estranho, mas pelos meritos proprios.

No meio do egoismo feroz do presente, a entrada do nosso patricio na nobre lista dos Principes da Egreja Lusitana, é um exemplo salutar que mostra á evidencia que, o exercicio da virtude e a pratica das bôas acções, ainda encontram galardão condigno na sociedade actual.

O passado do novo Antistite é segura garantia de que, na administração da Diocese de Macau, continuará a sua obra, pondo a influencia do seu sagrado ministerio, ao serviço da Egreja e do Estado, na defeza, no extremo Oriente, dos direitos da sua querida Patria e na propagação da sublime doutrina do Christianismo de que é fervoroso apostolo.

Angra, 1 de julho 1902.

Xavier Teixeira.

GIL VICENTE

Por J. J. de Brito Rebello

EXCERPTOS

«Não podemos analisar as obras todas de Gil Vicente, mas dos curtos extractos que fizemos de algumas, se conhece claramente o genio do poeta. Encontrando na peninsula iberica os rudes ensaios dos arremedilhos, momos, misterios e as eglogas representaveis de Encina, assimilou em suas obras esses elementos, alargando a área da scena dramatica a todos os generos, que depois foram desenvolvidos por outros talentos de primeira ordem. Nos assumptos religiosos os *Autos das Barcas* são de uma grandeza de composição e de uma pujança e ousadia de execução, que assombram para o tempo em que foram representados. Nas farças, comedias & apoderando-se de todas as tradições, crendices, usos, costumes, praticas e fórmas poeticas nacionaes, orna com ellas as suas peças dando-lhes vida e graça. O fidalgo pobre, o rufião, o jactancioso, o frade e o clero devasso ou ignorante, o medico charlatão, o jurista enredador, o juiz bronco ou venal, o judeu onzeneiro, malicioso e entrometidiço nos assumptos da vida domestica dos christãos, e tantas outras figuras desde o lavrador boçal, a alcoviteira desbragada, a mulher facil, até o Imperador e o Papa, todas as classes são autopsiadas por elle com um escalpello vigoroso. O espirito fino, vivo e scintillante, esmalta as mais comicas situações Não enfada: é sempre rapido, facil e corrente. Embora, como o seu contemporaneo e amigo Garcia de Rezende, se apóde de rustico, de ignorante, e chame enferma á sua escriptura, vê-se que tinha os conhecimentos geraes que no seu tempo se podiam ter. A acção do seu genio influiu poderosamente tanto em Portugal como em Castella.

Em Portugal, pouco depois de se representarem perante o publico as farças e comedias de Gil Vicente, e de começarem a ser conhecidas e espalhadas em folhas avulsas impressas, uma pleiade de escriptores de mais ou menos talento, segue o seu exemplo e se lança na carreira que elle abriu. Assim apparece Affonso Alvares, Henrique Lopes, Jorge Pinto, Antonio Prestes, Antonio Ribeiro, *o Chiado*, seu irmão Jeronimo Ribeiro, Balthazar Dias, Simão Machado, e pelos seculos adeante lhe seguirão as pisadas Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel Mello, e tantos outros, cuja enumeração seria longa, sendo o genero cultivado ainda, com vario successo, nos nossos dias entre nós. Em Hespanha nunca deixou de cultivar-se. Aqui a maior honra de Gil Vicente, é contar entre os seus adeptos o grande genio da renascença — *Camões* — que em tres peças dramaticas que se intitulam — *Os Amfitriões, Comedia d'el-rei Seleuco* e *Filodemo* — provou a flexibilidade do seu talento, onde predominava o lirismo, em se apoderar de todas as fórmas, tendo, como já mostrámos, bastante conhecimento das obras de Gil Vicente.

Embora pelo seculo XVII a acção do seu genio poderoso se fizesse apenas sentir entre o povo, quando chega o seculo XIX e com elle uma nova renascença litteraria, é então que readquire o logar proeminente que lhe compete no templo da arte nacional, e a sua maior gloria é ter suscitado na alma desse outro grande poeta dos tempos modernos — *Garrett* — a idéa de invocar o seu nome e a sua obra para a renovação e regeneração do theatro portuguez no seculo XIX»

....

«Resta disferir o ponto capital do problema — *Gil Vicente* — isto é, dizer se o poeta e ourives são um só individuo, ou dois distinctos. Já disse no principio desta terceira parte do meu trabalho alguma coisa a este respeito. No meu estudo já citado, inserto no *Occidente* de 1880, dissera que em tempo não tinha tido duvida sobre a unidade, dicidindo-me pela dualidade em vista de alguns documentos que coligira e aproximei; mas pouco depois de ter apresentado esta minha opinião, ficava perplexo ante a cota ou indicação que se acha sobre o registo da carta de 1513 *(doc. n.º 5)* e que dou em fac-simile. Essa cota escripta por mão contemporanea, provavelmente pelo empregado encarregado de fazer os summarios para se elaborar o indice da chancellaria, — e com letra similhante á do guarda mór Fernão de Pina, se não é d'elle, o que lhe daria um altissimo valor, diz o seguinte — *Gil Vicente trouador e mestre da balança.* — Confesso a minha impotencia perante similhante declaração, a qual combinada com a incerteza de classificação que se dá a Gil Vicente, designando-o ora pelo simples nome, sem qualificativo algum, ora pelo de mestre da

balança, reforçada pela estranha revelação do documento n.º 8, já mais vezes citado, que veio derrocar o schema genealogico que o sr. Sanches de Baena estabelecera sobre o documento n.º 7, de que aquelle é complemento, faz suspender todo o juizo e ficar indeciso na resolução do problema.

Como já disse não tenho pretenções a decidir duvidas, sem ter bases solidas em que assente uma opinião, não tenho feitio para fantasiar romances em historia, não vou com opinião antecipada procurar documentos, fazel-os dizer o que não dizem, e forçal-os á interpretação que me sirva ao fim que quero, nem procuro emmaranhar as questões com enredadas teias de aproximações e explicações que honrem a minha argucia, mas prejudiquem a minha sinceridade; pesquiso, procuro, colecciono o que encontro, e extráio de tudo, o que a minha fraca intelligencia me dita; se acêrto, satisfaço-me com isso; se érro, os mais habeis me demonstrem os erros e m'os corrijam. O interesse historico é o que me guia, a elle dirijo as minhas locubrações.

Neste ponto digo claramente a quem me ler: — em vista dos elementos reunidos, e já não são poucos, não posso dizer se o poeta e o ourives Gil Vicente, como o seu distincto collega e representante na actualidade, José Ignacio d'Araujo, são um unico individuo, ou são dois diversos: o que sei é que se a *Custodia dos Jeronimos* revela um artista de primeira ordem, os *Autos de Gil Vicente* denunciam um talento comico que hombrea com Aristophanes, Plauto e Molière, e ás vezes eleva-se ás alturas philosophicas de Goete e Shakspeare, sendo sempre original.

Honram-se as nações quando celebram os grandes homens que as illustram.»

AS NOSSAS GRAVURAS

VIANNA DO CASTELLO

A formosa cidade mirando-se nas margens do Lima, não inveja as bellezas da provincia do Minho, porque a rodeiam todos os encantos da paisagem dos seus campos fertelicimos, verdejantes, por onde, em dias festivos, caminham alegres romarias de homens e mulheres louçãs, com seus trajes colloridos e lindos como não se encontram outros por esse Portugal fóra.

E vel-a nas festas da Senhora da Agonia, que se celebram por este tempo concorridas de forasteiros Vão de muitas leguas em redor, levados, uns pela devoção religiosa, outros pelo interesse de commerciarem na grande feira, e todos pelo goso da digressão em paiz tão bello.

A' sua magnifica situação geographica, servida por um bom porto de mar, reune a fertilidade do solo o que tudo concorreu para o engrandecimento da povoação, que no seculo XIII recebia o primeiro foral de D. Affonso III e que successivamente lhe foram dando foraes e regalias os reis portuguezes, até que El-Rei D. Sebastião lhes deu o titulo de *notavel*, e em 1848 foi elevada á cathegoria de cidade.

Muitos são seus edificios notaveis, desde os paços do conselho até aos templos e castello de gloriosa historia.

Berço de muitos portuguezes que se elevaram por seu valor nas armas, nas sciennias e nas letras, tambem guarda em seu seio os restos mortaes de homens illustres, e assim tem a gloria de conservar como que em sarcophago, no extincto convento de S. Domingos o corpo de frei Bartholomeu dos Martyres, o virtuoso arcebispo de Braga, que em Vianna do Castello falleceu aos 16 de julho de 1590, n'uma cella do convento que fundou e onde jaz sepultado.

O convento de S. Domingos foi fundado por aquelle Santo Varão em 1563, anno em que se lançou a primeira pedra do edificio, depois de obtidas as licenças necessarias do Papa Pio IV e da rainha D. Catharina, viuva de João III e regente do reino na minoridade de seu neto D. Sebastião.

A construcção da egreja só principiou tres annos depois, tendo frei Bartholomeu dos Martyres voltado do concilio de Trento. O santo prelado regressando á sua diocese de Braga, correu a Vianna a vêr as obras do seu convento, e não estando ainda principiada a egreja, elle mandou logo abrir os alicerces e por suas mãos lhe lançou a primeira pedra, no dia 22 de janeiro de 1566.

E' este bello edificio que a nossa gravura representa, e um dos mais ricos monumentos que ha para vêr em Vianna do Castello.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 846)

Em 10 de março, em beneficio do Instituto Ultramarino, deu-se a opera *Bohème*, de Puccini, desempenhando Regina Pacini o papel de *Mimi*. No 2.º acto cantou-se um novo quarteto escripto por Puccini. A rainha D. Amelia deu, ao emprezario José Pacini, uma faca de tartaruga com embutidos de ouro.

Em 17 de março, 21.ª recita de assignatura extraordinaria, festa artistica do maestro Luigi Mancinelli, deu-se a opera *Ero e Leandro*. O maestro teve muitos applausos e dadivas. A rainha D. Amelia deu-lhe o habito de S. Thiago com que foi agraciado por El-Rei D. Carlos I.

Em 20 de março, em beneficio do camaroteiro, deu-se a opera *Werther*, de Massenet. Houve grande concorrencia nos camarotes, mas a plateia não se encheu; e, facto extranho e contradictorio! sendo difficil muitas vezes obter se um lugar para as recitas de assignatura, n'esta noite venderam-se na rua bilhetes da plateia (valor 2$000 rs.) a 300 rs.! e muitos não acharam compradores mesmo por tão baixo preço!

Em 21 de março, grande gala por ser anniversario natalicio do principe real, houve recita extraordinaria fóra de todas as assignaturas; deu-se a opera *Fedora*, de Giordano.

Em 22 de março, ultima recita, (24ª de assignatura extraordinaria) deu-se a opera *Bohème*, de Puccini; houve muitos applausos, flôres e versos a Regina Pacina, e pateada á empreza.

Até que afinal se ouviu, no theatro de S. Carlos de Lisboa, mais uma opera de Wagner, *I Maestri cantori de Norimberga (Die meistersinger für Nürnberg)*; é das operas mais inferiores do grande compositor.

A execução d'esta composição wagneriana em S. Carlos foi pouco correcta; dos cantores que n'ella figuraram só foi completamente bem, no canto, na acção e na interpretação, a dama Febea Strakosch. Foram soffriveis o buffo Pini Corsi; a dama Marchesini e o tenor Borgatti. A orchestra, em alguns trechos, foi correctamente; em outros, porém, deixou muito a desejar.

O maestro Luigi Mancinelli, que veiu precedido de grande fama, na direcção das operas não correspondeu em Lisboa ao que d'elle se esperava; e, decerto que se elle nos diversos paizes por onde tem andado, ensaiasse e dirigisse sempre como, em grande numero vezes, o fez em S. Carlos, não teria adquirido a fama de que justamente goza no mundo musical. Dirigiu, sim, com notavel proficiencia, algumas vezes, em Lisboa, como foi o preludio do 1.º acto e outros trechos do *Lohengrin* e outras operas e, sobretudo, a sua opera *Ero e Leandro*; mas, na maior parte das operas, parecia aborrecido, e desinteressado do que se passava, manifestando apenas de vez em quando, certas contracções e gestos pelo máu desempenho de certas phrases orchestraes ou coraes. A execução de alguns trechos foi completamente destituida de colorido, muito inferior á que havia tido sob a direcção de seu irmão Marino Mancinelli; é o que se deu com o *Mefistofole* e outras operas. Na *Meistersinger* de Wagner, não só faltou muitas vezes o devido colorido, mas até a necessaria correcção, sendo transtornados muitos andamentos, entre elles o do celebre canto de Walter (tenor) que lhe dá em premio o casamento, e que se acha marcado na partitura *langsam* lentamente e que o maestro levou de corrida.

A opera *Ero e Leandro* de Luigi Mancinelli, que n'esta epocha se ouviu pela vez primeira em S. Carlos, tem bastante merecimento, especialmente na instrumentação; não apresenta porém ideias musicaes que bem traduzam a situação da tragedia, de modo que a grande paixão dos dois celebres amantes nada impressiona os espectadores. O publico não só não gostou, mas achou massada; comtudo teve o bom senso de applaudir o maestro pela sua sciencia musical, e boa direcção da opera.

Dos artistas da companhia a maior parte já era do conhecimento do publico lisbonense.

Citaremos em primeiro lugar Regina Pacini, cuja apparição, foi como sempre, saudada com muitos applausos. Alem do seu antigo reportorio de dama ligeira de excepcional execução, cantou n'esta epocha a parte de *Mimi*, na opera *La Bohème*, de Puccini, com muito sentimento, e representou com muita propriedade, interpretando com superior intelligencia aquelle papel. Para a maior parte do publico, foi uma revelação o modo como Regina Pacini desempenhou esta opera. Para nós, porém, não foi nenhuma surpresa, pois que ha muito tempo, como já o consignámos n'estas memorias, que lhe haviamos notado, e apreciado, os predicados que possue para cantar e representar papeis sentimentaes.

Gemma Bellincioni apresentou-se-nos, novamente, como grande artista dramatica que é, e já puzemos em relevo, n'estas memorias, em annos anteriores; os seus fracos recursos vocaes, porém, ainda se achavam mais diminuidos.

O barytono Kaschmann, que passou como um meteoro, n'esta epocha, atravez a scena de S. Carlos, apesar de cançado, ainda graças ao seu excepcional merito de cantor e actor, sabendo tirar partido da mais insignificante nota que podesse emittir, brilhou no canto a *fiore di labro* na opera *D. Giovanni* e nas energicas phrases do final do 2.º acto da opera *Lucia di Lammermoor*.

O tenor Bonci, já conhecido pelo seu canto mavioso e bonita voz, e ao mesmo tempo de pouca energia na acção, e frieza no dizer, tambem passou rapidamente e cantou em poucas recitas.

O tenor Garbin, tambem já conhecido, veiu no final da epocha, cantando, em algumas recitas, com o seu bello methodo e intelligente acção, gritando, porem, ás vezes demasiadamente, com a bocca muito aberta, o que tornava aspero o seu timbre de voz.

Os outros antigos artistas, damas Stehle e Marchesini, e barytono Menotti já estavam muito decadentes, o ultimo quasi sem voz.

Dos novos cantores mencionaremos: a dama Febea Strakosch, especial artista das operas de Wagner, que tinha bonita voz, e canto correcto, interpretando com a maior intelligencia os papeis de Elsa e Eva, nas operas *Lohengrin*, e *Meistersinger*, de Wagner; a dama Emma Carelli, que possuia bellissima voz de soprano, e era cantora de vasto reportorio, o tenor Borgatti, artista que sobresahia nas operas de Wagner, cantando com muito sentimento, mas desafinando com frequencia; o tenor Clément, bom artista e cantor correcto, de voz pouco agradavel; o tenor Anselmi, joven debutante, com bonita voz, posto que pouco volumosa, e que manifestou muita propensão para bom cantor; e o barytono Pini Corsi, que nos papeis de buffo sobresahia pela graça e pela boa voz.

Figuravam no elencho official, mas não appareceram na scena de S. Carlos n'esta epocha: a dama Bice Adami, o barytono Vicenzo Ardito, e a bailarina Fiordalice Stochetti; esta ultima esteve toda a epocha em Lisboa, mas por causa de aventuras de *Cupido*, não dançou nunca. Não figuravam no elencho da empreza os barytonos Rebonato e Alfredo Costa.

A epocha lyrica de 1901-1902 foi irregular como as suas anteriores. Era moda dizer-se muito mal da empreza; os frequentadores do theatro de S. Carlos, isto é os assignantes, na maior parte, desdenhavam dos espectaculos; de modo que quem via os elogios continuados, na maioria dos jornaes, á empreza, aos artistas, aos espectaculos, ficava pasmado de ouvir as diatribes em contrario dos *habitués pagantes* do theatro, o que não impedia que estes continuassem a ser assiduos frequentadores do theatro da moda! não era a primeira vez que se via, n'esta terra, o facto contradictorio da *opinião publica* ser contraria á expendida pelos chamados *orgãos da opinião publica!* A verdade é que houve algumas recitas boas, e outras noites em que se deram espectaculos insignificantes, ou estropiados.

A opinião desfavoravel do publico, não se traduziu, porem, em grandes manifestações; assim, apenas houve pateada mais ruidosa na noite de 24 de janeiro de 1902, em que se dava um dos taes espectaculos insignificantes, apenas a *Cavalleria rusticana* e o 3.º acto de *Mefistofele*, e no beneficio do camaroteiro, e na ultima recita em 22 de março; mas o publico acolheu, em geral, com hilaridade a execução mais ou menos desastrosa das operas; é o que fez com o *Mefistofele*, em 26 de dezembro, com o baixo Sternajuoli, com a opera *D. Giovanni*, etc.; áquelle baixo inqualificavel teve o emprezario o bom senso de rescindir a escriptura logo depois da primeira recita. Manifestação importante feita pelo publico lisbonense em S. Carlos foi a da noite de 13 de fevereiro de 1902, contra a porcaria da sala, e as brutaes folias carnavalescas, que já descrevemos.

Em 26 de abril, em beneficio do actor Valle, representaram-se em S. Carlos as comedias *O sr. conselheiro*, e *Trinta botões*, por estudantes; recitaram monologos Silva Pereira e Valle. Tocaram, Carmo Dias *guitarra*, Rebel, *violão*.

INFANTA D. MARIA — *Filha de El Rei D Manoel*

INFANTA D. BEATRIZ — *Duqueza de Saboia*

EL-REI D. JOAO III

EL-REI D. SEBASTIÃO

GRAVURAS EXTRAHIDAS DO LIVRO «GIL VICENTE» POR J. I. DE BRITO REBELLO

VIANNA DO CASTELLO — Paços do Concelho e Praça da Rainha

Em 27 de abril, festa dos estudantes do 5.º anno juridico da universidade de Coimbra, houve no theatro de S. Carlos o seguinte espectaculo: *Apresentação do curso e ideia da peça; Hymno academico, Ballada de despedida*, de Martinho de Brito e por este regida; *Emfim*, comedia de Augusto de Castro e João Lucio, musica de Saldanha Junior, dirigida pelo maestro Manuel Benjamin; *marcha* d'este ultimo.

Em 17 de maio, em beneficio da caixa de soccorros a estudantes pobres, representou-se em S. Carlos *La banda de trompetas*, zarzuela de Torregrosa, em hespanhol, por estudantes, sendo ensaiador o actor Valle, e dirigida pelo maestro Miguel Ferreira; o *Auto das ferias*, de Luiz da Camara Reis e Jorge de Utra; a *Dança dos postilhões*, baile ensaiado pela bailarina Maria Villa; tocou a tuna academica de Lisboa.

(Continúa).

F. da Fonseca Benevides.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

1898

Janeiro. Muito chuvoso e de temperatura elevada até 10 (Em 3 21^{mm},1), mas tempo explendido durante o resto do mez, apenas perturbado por um dia de chuva em 26 (13^{mm},2), embora o nivel barometrico se conservasse superior á normal. Nenhum dia de frio sensivel. Em 30 e 31, notou-se uma pressão de 78^{mm},9, a maior que se tem observado em Lisboa.

Fevereiro. Persistiu o bom tempo até 19, com pressão e temperatura elevada (max. 20^{o},0, em 16). Alguma chuva de 19 a 23, e novamente bom tempo e calor, a parte d'este dia (max. 20^{o},1 em 28).

Março. Muito pouco chuvoso (43^{mm},6 em todo o mez, divididos por 10 dias). Temperaturas irregulares, maximas: em 1 20^{o},6, em 2 18^{o},4, em 3 17^{o},7, em 4 11^{o},6, em 5 11^{o},2 em 6 13^{o},0 em 7 11^{o},5, em 8 10^{o},1, em 9 11^{o},1, em 10 15^{o},3, em 11 15^{o},8, em 12 16^{o},1, em 13 16^{o},6, em 14 17^{o}.0, em 15 16^{o},8, em 16 18^{o},1, em 17 19^{o},9, em 18 21^{o},0 e em 19 20^{o},6. Como se vê, a marcha das temperaturas foi anormal. De 25 a 27, as maximas cahiram, de novo, a 11^{o},4, 11^{o},6, e 10^{o},0 e em 30 a 12^{o},8.

Abril. Muito pouca chuva em todo o mez (33^{mm},0 em 11 dias). Temperaturas proximas do normal.

Maio. Dois dias de chuva intensa em 20 e 21 12^{mm},5 e 25^{mm},9). Em todo o mez notou-se 58^{mm},5 divididos em 9 dias. Maximas mais altas: em 7 28^{o}.1, em 8 28^{o},3 e em 9 28^{o},9, bastante elevadas.

Junho. Algumas chuvas. Em 13 chuva de pedra e trovoada (11^{mm},8). Alguns dias de calor sensivel.

Julho. Bastante quente. Durante a primeira quinzena, predominou um tempo abafadiço, com minimos superiores a 20^{o}, mas com maximas relati-

VIANNA DO CASTELLO — Egreja de S. Domingos

vamente pouco altas. Pequena trovoada em 18, com 2^{mm},0 de chuva.

Agosto. Calor quasi que consecutivo, em todo o mez, sobretudo a partir de 25. Minima observada: 16°,8, a mais alta de todas, durante os annos 1880–1901. Nenhuma chuva.

Setembro. Calor intenso em 1 e 2 (max. 30°,3 e 31°,1, min.: 23°,0 e 20°,8) Continuou o tempo abafado até 15 com pequenos interregnos. Trovoada em 15, com 2^{mm},4 de chuva, e novamente calor até 21, data em que começaram as chuvas acompanhadas de trovoadas violentas que persistiram o resto do mez com temperatura normal. (Em 21, 16^{mm}, 9).

Outubro. Temperatura bastante normal, com um minimo relativamente elevado (12°,6, em 31). Chuvas importantes de 13 a 19, e pouco intensas desde 28 (Em 14 21^{mm},8 e em 15 21^{mm},6). Trovoadas em 17 e 18.

Novembro. Chuvoso de 2 a 11, e a partir de 21. Trovoada das fortes em 8, 9 e 10. Os dias em que maior quantidade de agua cahio foram: em 9 43^{mm},6 em 10 13^{mm},9, em 11 11^{mm}, em 21 14^{mm}, 1 e em 25 11^{mm},6. Temperatura normal em todo o mez.

Dezembro. Extraordinariamente secco. Tres dias unicos de chuva (10^{mm},8). A maxima thermometrica não excedeu 16°,4 e a minima não desceu, além de 3°,7. Pressões altissimas em todo o mez sendo a mais fraca de 767^{mm},3.

1899

Janeiro. Chuvoso. (Em 8 observaram-se 30^{mm},3, com trovoada, em 9 11^{mm},0, em 21 16^{mm},3, em 30 23^{mm},9, e em 31 10^{mm},6). Temperatura normal, com um maximo de 15°,9 (baixa) e minima de 2°,9 (elevada). Um unico dia de frio sensivel em 15 (max. 9°,6) com nevoeiros intensos que duraram até 17.

Fevereiro. Dezenove dias de chuva que produziram 205^{mm},1, um dos mais chuvosos fevereiros (Em 1 18^{mm},0, em 3 21^{mm},4, em 4 13^{mm},2, com trovoada, em 14 23^{mm},2 com trovoada fortissima e chuva de pedra, em 19 32^{mm},0, em 20 11^{mm},2, e em 21 30^{mm},6). A columna thermometrica elevou-se subitamente, em 9 a 22°,8. Nunca, em fevereiro, esta temperatura foi attingida. Já ás 9 horas da manhã, se registrou 18°,0, facto perfeitamente anormal. Em todo o mez a temperatura conservou-se bastante elevada, com um minimo de 7°,1, o mais alto que se tem notado n'este mez.

Março. O mão tempo predominou até 9, e de 19 a 22 (83^{mm},5), a temperatura, normal em quasi todo o mez, tornou-se quente em 30 e 31 (max. 22°,1 e 24°,1).

Abril. Calor sensivel até 5 (max. 25°,8, 22°,3, 24°,0 25°,6, e 27°,8), e de 22 a 30 (max. em 30 28°,8). De todos os mezes de abril que aqui analyzemos, foi este, o mais secco, pois que, apenas produziu 7^{mm},6 de chuva, em cinco dias.

Maio. Pouca quantidade de chuva. Alguns dias de calor anormal, com um maximo em 21, de 30°,9.

Junho. Pouco chuvoso (4 dias com 19^{mm},6), trovoada pequena, em 6, sem chuva, calor pouco sensivel.

Julho. Bom tempo e fresco muito sensivel até 12, calores importantes de 14 a 18, moderados até 24, e torridos, de 24 a 31.

Agosto. Muito quente até 3, temperado de 4 a 16, e novamente, calor até ao fim do mez. Periodo chuvozo de 8 a 15 (Em 12 14^{mm},6).

Setembro. Dois unicos dias de chuva que produziram 3^{mm},4. Temperaturas elevadissimas de 8 a 12, notando-se em 10 um maximo de 35°,1, o mais elevado, observado em setembro.

Outubro. Bastante chuvoso. (Em 5 21^{mm},8, em 15 11^{mm},6, em 16 21^{mm},7, e em 30 15^{mm},4). Predominou um tempo abafadiço em todo o mez, com um minimo elevadissimo e muito superior ao de setembro, o maior de todos os que se conhecem, n'este mez. (15°,9). De 7 a 15, o thermometro não desceu abaixo de 18°.

Novembro. Muita chuva na primeira quinzena. (Em 2 37^{mm},4 e em 1 11^{mm}, 2 com trovoada). Bom tempo constante, a partir de 16, com algum frio.

Dezembro. Chuvas regulares, temperatura elevada até 15 (max. 18°,2 em 6), baixa de 16 a 27, e novamente elevada de 28 a 31, com chuvas frequentes (em 27 23^{mm},6, em 30 11^{mm},2 e em 31 15,^{mm}3).

Antonio A. O. Machado.

OS BALÕES E A AERONAUTICA

I

A aerostação é a applicação de um ramo da physica, que tem por objecto o estudo das condições de equilibrio dos gazes e dos corpos n'elles immersos, e se poderia chamar *aerostatica*, como se deu o nome de *hydrostatica* á parte da sciencia que tracta das condições de equilibrio dos liquidos. É sabido que as leis da aerostatica são as mesmas que as da hydrostatica, salvas as differenças resultantes da elasticidade dos gazes, e que o principio de Archimedes tanto se applica a um corpo que fluctua no ar como a um corpo immerso na agua. Assim, um aerostato, um balão cheio de gaz hydrogenio, ou de gaz illuminante, não passa de um corpo mais leve que o volume de ar que desloca e, como todos os corpos em eguaes condições, é solicitado ao mesmo tempo por tres forças: duas, que tendem a fazel-o cahir, e são a gravidade e a pressão exercida pelo ar no aerostato de cima para baixo; e a outra, a impulsão que o leva em sentido contrario, isto é, de baixo para cima. E como, mercê da pouca densidade do aerostato, a terceira força é por si só maior que a somma das outras duas, é ella que prepondera e faz que, em vez de cahir, o aerostato se eleve a uma altura onde, tornando-se o seu peso especifico egual ao do ambiente, se restabelece o equilibrio das forças contrarias, e fica suspenso na atmosphera.

Isto é sciencia elementar, ao alcance dos menos lidos. E comtudo, quando, ha cento e dezenove annos, o povo francez viu subir e vaguear na região das nuvens o primeiro d'esses meteoros artificiaes, queremos dizer o primeiro balão, o seu espanto e assombro não tiveram limites.

É que ao tempo a physica e a estatica dos gazes mal estavam esboçadas; a existencia de fluidos elasticos que não fossem o *ar commum*, apenas acabava de ser reconhecida por alguns chimicos; e, á força de se traduzir por theorias e tentativas insensatas, a seductora idéa de vogar na atmosphera passava ao rol das chimeras ridiculas com o elixir de longa vida, com a panacéa universal, com a pedra philosophal.

Mas não ha utopia, por mais desacreditada, por mais solemnemente condemnada pela sciencia, que não apaixone um ou outro espirito aventuroso e indisciplinado; e não é raro que um feliz acaso, ás vezes até uma concepção erronea, leve inesperadamente á solução do problema alguns d'esses sonhadores obstinados. Longe de nós o pensamento de amesquinhar a gloria dos irmãos Montgolfier que, muitos annos depois da experiencia do padre portuguez Bartholomeu Lourenço, e com intuito muito diverso, fizeram subir ao ar um balão. O acaso todavia concorreu em muita maneira para a obra que immortalizou os dois francezes. Por outra, as leis da physica vieram a proposito corrigir-lhes os erros, e o exito das suas experiencias foi devido a um effeito completamente contrario áquelle que tinham em vista. A sua primeira idéa era fazer *nuvens artificiaes*, cousa que, certo, nunca passou pela mente do nosso compatriota, que setenta e quatro annos antes subira ao ar em um apparelho imitante a uma ave.

Sabendo os irmãos Montgolfier que as nuvens naturaes são formadas pelo vapor da agua, encheram primeiro com este vapor, depois com fumo de lenha, involucros de tela, que subiram perfeitamente, mas logo cahiram. Quando, em 1777, conheceram as propriedades do *ar inflammavel* (gaz hydrogenio), descoberto por Cavendish, tractaram logo de fazer uso d'elle; mas este gaz tinha o inconveniente de escoar-se pelos poros do tecido e do papel de que os Montgolfier faziam os seus balões, que não sabiam tornar impermeaveis. Assim, voltaram á idéa primitiva de *fabricar nuvens*, a bem dizer, de tudo que se lhes deparava.

Estava então em moda a electricidade. Recorria-se a ella para explicar tudo que se não comprehendia. Os dois irmãos, suppondo que era a electricidade que conservava suspensas as nuvens na atmosphera, imaginaram combinar um fumo alcalino, o da lã, com um fumo acido, o da palha, julgando obter por esta forma uma mixtura de vapores n'um estado electrico analogo ao das nuvens. Um balão, aberto na parte inferior e por baixo do qual queimaram palha humida e lã tosada, elevou-se, como elles o esperavam, a grande altura, mas não tardou em cahir. Tiveram então a feliz idéa de suspender debaixo da abertura um rescaldo, de modo que a machina levasse comsigo a mesma origem dos vapores que serviam para enchel-a. Foi assim que elles realizaram em 3 de junho de 1783, em Annonay, a experiencia publica que tão celebre se tornou. Um globo de 11 metros e 30 centimetros de diametro, de tela forrada de papel, que pesava 215 kilogrammas, e carregado com um peso de 200 kilogrammas, subiu em dez minutos a uma altura de 1:500 metros e foi cahir a 2:500 metros, pouco mais ou menos, do ponto de partida.

Excusado é observar que a ascensão d'este aerostato foi devida, não á natureza particular do fumo produzido pelo mixto de lã e palha, mas simplesmente á dilatação dos gazes pelo calor.

Os irmãos Montgolfier ficaram muito persuadidos de que tinham achado a sua *nuvem electrizada*, e até que haviam descoberto um novo gaz, illusão que foi compartilhada durante muito tempo pelo publico, e, o que mais surprehende, pelos homens de sciencia. Não se falava senão do *gaz dos Montgolfier*, que era, diziam, duas vezes mais leve que o ar. Foi Th. de Saussure quem fez ver o erro, e apresentou a verdadeira theoria da ascensão dos balões de ar quente ou *montgolfières*, como lhes chamaram os francezes.

Havia então em Paris um physico chamado Jacques Alexandre Cesar Charles, conhecido por mui diserto e experimentador engenhoso. Este physico, apenas teve noticia da invenção dos seus compatriotas, tractou de a aperfeiçoar, substituindo o supposto *gaz Montgolfier* pelo *ar inflammavel*. Não desanimou ao ver a facilidade com que o hydrogenio passa através dos tecidos, e conseguiu sem custo fazer desapparecer este inconveniente, introduzindo o gaz n'um involucro de tafetá revestido de uma camada de cautchu dissolvido em essencia de terebinthina. A contar de então, começaram os francezes a fazer uso dos balões de gaz hydrogenio, que logo baptizaram com o nome de *charliennes*, e foram quasi de todo abandonados os primeiros.

Estava creada a aerostação, e quasi se poderia dizer que a sua historia termina ahi, se a historia de uma arte ou de uma sciencia fosse a dos seus aperfeiçoamentos successivos. Effectivamente, afóra a invenção do pára-quedas, devida ao antigo convencional Jacques Garnerin, nenhum progresso notavel vemos que a arte aerostatica tenha realizado de então para cá.

Quanto aos serviços que a aerostação tem prestado á civilização e á sciencia, a pouco se reduzem. Quasi todas as ascensões executadas na Europa de um seculo a esta parte teem sido apenas um divertimento para o publico, uma especulação para os aeronautas; especulação sem duvida legitima, mas em que não entrou a mais leve sombra de interesse scientifico. Exceptuaremos as que alguns homens de sciencia e corajosos investigadores emperhenderam com o fim de estudar o decrescimento da temperatura e da densidade do ar, as suas condições electricas e magneticas, etc. Essas explorações, entre as quaes se devem citar as de Biot, de Gay-Lussac, Barral, Bixio, Glaisher, Coxwell, Tissandier, e a do mallogrado meteorologo e parlamentar inglez sir Walter Powell, desgraçadamente arrebatado pelo balão Saladino em Bath no dia 10 de dezembro de 1881, contribuiram muito para os progressos da physica atmospherica e da meteorologia. Não devemos esquecer tambem o serviço que a aerostação prestou nas ultimas guerras da França, serviço que não foi sem gloria e sem utilidade, mas que não durou nem podia durar muito.

Franz.

METEOROLOGIA

Julho de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	763,3	21,2–15,6	P. Nublado	NNW	0,0
22	764,9	22,7–15,7	»	»	0,0
23	764,1	23,5–15,7	Limpo	N	0,0
24	760,9	25,9–16,8	Alg. Nuvens	»	0,0
25	761,9	22,7–17,1	Limpo	S	0,0
26	763,7	25,7–17,9	Alg. Nuvens	SW	0,0
27	765,7	23,5–16,9	»	N	0,0
28	765,4	29,9–16,8	Limpo	NE	0,0
29	765,9	31,9–20,5	Alg. Nuvens	SSW	0,0
30	765,3	31,0–19,6	Nublado	ESE	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Durante a ultima dezena de julho, o tempo conservou-se proprio da estação calmosa que estamos atravessando, com temperaturas normaes e céu pouco nublado, predominando o vento dos quadrantes do N. A partir de 28, a alta thermometrica foi muito sensivel em todo o paiz, e sobretudo em 30, dia de muito calor, conservando-se a atmosphera abafadiça com prenuncios de trovoada.

Não se registaram chuvas em Lisboa, durante este periodo. Apenas alguns chuviscos cahiram sobre a capital, na manhã de 25, quantidade minima de agua, que nem foi accusada pelo pluviometro.

O VÉO PRETO

II

Facil é adivinhar que tão extraordinaria visita causou funda impressão no animo do nosso heroe. Logo que ficou só, entregou-se a uma longa e infructuosa meditação sobre o que acabava de succeder. Bastante illustrado para nada ver de sobrenatural em tão extranho cumulo de circumstancias, debalde procurou uma explicação plausivel que tudo resolvesse. Tractar-se-hia de um assassinio projectado para aquella noite, do qual, cumplice primeiro, a desconhecida depois se arrependesse e diligenciasse quanto possivel remediar a execução do crime, levando o homem de sciencia para que soccorresse a sua victima? Mas essas cousas não occorrem assim no centro de uma capital como Londres. Não entraria mais facilmente no provavel que a mulher de lucto fosse uma pobre demente?

A incerteza fez com que o doutor não pregasse olho em toda a noite; nem um momento sequer pôde esquecer o véo preto, sempre presente na sua agitada imaginação. Esperou o dia com impaciencia, e apenas a duvidosa claridade da manhã d'aquella triste estação illuminou as ruas, pôs-se a caminho para Walworth.

Walworth, seja dicto para os que estão pouco ao corrente da topographia de Londres, é um d'esses numerosos arrabaldes que rodeiam a immensa metropole ingleza, e que ella vai absorvendo a pouco e pouco, á medida que as suas casas invadem o campo. Ainda hoje em dia Walworth é um sitio de má apparencia; nenhum banqueiro se encontra entre os seus habitantes. Ha quarenta annos era um bairro perdido, tenebroso, um verdadeiro latibulo de assassinos e moedeiros falsos; compunha-se de umas tantas casas de aspecto miseravel, aspalhadas aqui e alli em desordem, e habitadas por gente suspeita, demasiadamente pobre para viver em outra parte, ou que tinha seus motivos para buscar asylo em um local onde a propria policia se não aventurava a entrar sem receio.

O nosso heroe teve que orientar-se, não sem trabalho, no meio de um labyrintho de becos e travessas, convertidos em lameiros pela chuva. Só por cousa muito transcendente se poderia ir alli. O medico perguntou a varios individuos andrajosos, com quem tropeçou, o caminho que devia seguir. Depois de varias respostas insufficientes ou contradictorias, pôde chegar ao termo da sua viagem.

Estava deante da casa cujos signaes lhe dera a desconhecida. Esta casa nunca foi reparada depois que sahiu das mãos dos seus constructores. Parecia como se se quizesse deixar que se fosse arruinando lentamente. Estava isolada. As janellas, com cortinas hermeticamente cerradas, indicavam o desejo de que nenhum olhar indiscreto penetrasse no interior da sinistra habitação. Quanto ao mais, não se ouvia dentro o mais leve rumor, nada indicava que alli houvesse algum ser animado.

O moço vacillou um momento antes de pôr mão na aldraba. Sabia que a capital encerra gente que não retrocede ante nenhum delicto; os estranguladores e os resurreccionistas não haviam alcançado ainda a horrivel reputação de que depois gosaram; mas o nosso medico tinha frequentado os hospitaes; sabia que os miseraveis que negoceiam com a carne morta, para obter esses cadaveres que os hypocritas inglezes compram tão cara e mysteriosamente, não hesitam muitas vezes em commetter um assassinio. Não obstante, pouco durou a incerteza; ter-se-hia envergonhado de voltar costas ao perigo; a um perigo quiçá imaginario.

Cahia uma chuva glacial; preciso era decidir-se, tomar quanto antes uma determinação. O nosso heroe dirigiu-se com passo firme para a porta e bateu.

Dentro da casa ouviu-se o sussurro de uma conversação em voz baixa; no patim parecia haver uma pessoa que recebia instrucções de outra que devia estar na escada. Correram-se os ferrolhos com precaução, a chave deu volta na fechadura, e um homem de estatura elevada, feições grosseiras e pallidas a ponto de parecerem lividas, olhar vago, cabello revolto e fato andrajoso, appareceu no limiar, ao girar a porta silenciosamente nos gonzos, dando passagem para um estreito e lobrego corredor.

«Tenha a bondade de entrar, sr. doutor.

O medico deu alguns passos, e a porta fechou-se sem ruido, com chave e ferrolhos.

«Faz-me o favor de seguir-me?

E conduziu o medico a um pequeno quarto que havia ao fundo do corredor.

«Cheguei a tempo? perguntou.

«Chegou cedo de mais, respondeu a personagem que fazia as honras da lugubre casa.

O moço deixou escapar um gesto de surpresa e de pavor.

«Queira esperar aqui; a demora não será grande.

E o desconhecido retirou-se, fechando a porta á chave.

O medico depressa concluiu o inventario do aposento em que o encarceraram. Duas cadeiras coxas e velhas e uma mesa quebrada constituiam a mobilia. Um pouco de carvão se consumia lentamente, e como com sentimento, na chaminé; escorria a humidade pelas paredes nuas, e a unica janella que alli havia dava para um pateo cheio de agua e cercado de um muro ruinoso. No resto da casa não se ouvia o menor ruido, e por alguns minutos pôde o doutor entregar-se a reflexões pouco tranquillizadoras sobre o desenlace de uma aventura que tão singularmente principiava. Perguntava a si com inquietação porque o tinham encerrado. Quanto ao mais, julgou inutil chamar ou tractar de fugir; comprehendeu que se tinha entregado, e que era forçoso esperar até o fim.

III

Passou um quarto de hora, e a paciencia do nosso heroe começava a minguar, quando lhe feriu os ouvidos o rodar d'uma carruagem tirada a todo o galope. Percebeu que o trem parava em frente da casa e que a porta se abria. Uma conversação, cujo sentido não pôde chegar aonde elle estava, e o rumor das pisadas de tres homens que subiam um pesado fardo pela escada, foi tudo quanto conseguiu escutar. Segundos depois os tres homens desceram a escada, e sahiram. Fechou-se a porta com todo o seu apparelho de chave e ferrolhos, e tornou a reinar o silencio mais absoluto.

Aturdido por um encadeamento de circumstancias tão mysteriosas, e que já não tractava de deslindar, o nosso doutor permaneceu immovel, sem voz, e quasi sem pensamento deante da chaminé, que momentos antes deixara de brilhar á mingua de combustivel. A porta do aposento não tardou em abrir-se, e appareceu a mesma mulher que na vespera o visitara. Conservava ainda coberto o rosto com o seu inamovivel véo preto. Soluços dilacerantes se lhe escapavam do peito. Não pronunciou uma palavra; só fez um gesto para que a seguisse. Obedeceu. Subiu a carcumida escada e entrou em um quarto quasi sem mobilia. A um canto havia um reles catre de madeira. Cortinas grossas, pregadas da parte de dentro das persianas, mantinham alli uma obscuridade constante. Emquanto o medico procurava distinguir os objectos, correu a mulher a ajoelhar-se á cabeceira do leito.

Observou então o doutor que n'aquella cama jazia um homem embrulhado em uma manta Estava completamente immovel; tinha a cabeça e a cara descobertas; mas cruzava-lhe o rosto uma faixa escura que, depois de passar por baixo da barba, ia atar-se um pouco mais acima da nuca; os olhos estavam fechados; o braço esquerdo pendia.

Afastando delicadamente a desconhecida, o moço medico pegou na mão d'aquelle desgraçado, e logo a deixou cahir como se houvera tocado uma brasa.

«Céos! gritou, este homem está morto!

«Não! não pode ser! não está morto! exclamou a mulher enluctada, levantando-se com impeto e retorcendo as mãos. Não me diga que está morto, porque me mata! Quantos ha que teem voltado á vida quando os julgavam perdidos sem remedio! E quantos tambem se teriam salvado se lhes acudissem a tempo! Vamos! Por Deus! Faça alguma cousa; faça um esforço; não desespere... Talvez n'este mesmo instante a vida o abandona. Depressa; em nome do céo, ande depressa; seja o seu salvador.

E a infeliz esfregava com ardor as fontes, o peito e as mãos do que alli jazia; mas aquellas mãos hirtas e rigidas tornavam a cahir pesadamente quando ella as abandonava.

«Tudo é inutil, disse o medico em tom dolorosamente affectado. Mas espere... corra essas cortinas.

«Para que? perguntou a desconhecida, estremecendo.

«Corra essa cortina, repito; mando eu; insistiu o doutor com firmeza.

«E eu queria que a luz não entrasse no quarto, disse a mulher, collocando-se adeante do medico para impedir que elle chegasse á cortina. Tenha compaixão de mim. Se é um cadaver o que está alli, que ao menos sejam os meus olhos os unicos que o vejam.

«A morte d'este homem não foi natural, gritou o medico, e correndo para a janella arrancou a cortina que a tapava.

IV

A desconhecida em vão procurou detel-o. Na lucta desprendeu-se o véo, descobrindo as feições de uma mulher dos seus cincoenta annos, que devia ter sido bonita, mas a quem as lagrimas, as privações e as dores haviam envelhecido e quebrado antes de tempo. Um tremor nervoso agitava os labios e um fogo sombrio brilhava nos olhos d'aquella infeliz.

«Houve violencia! disse o medico, apontando o cadaver e cravando na mulher um olhar escrutador.

«Houve, respondeu ella com voz surda.

«Este homem foi victima de um assassinio.

«De um assassinio barbaro, atroz! tomo a Deus por testemunha.

«E quem é o culpado? perguntou o doutor, agarrando a desconhecida por um braço.

«Observe, e pergunte-m'o depois.

O moço inclicou-se sobre o cadaver que se achava já perfeitamente illuminado pela claridade do dia. A cara estava inchada e negra; os olhos fóra das orbitas; a lingua assomava entre os labios manchados de uma espuma sanguinolenta; o pescoço parecia cingido de uma fita de um azul livido. Revelou-se então ao medico a verdade em todo o seu horror.

«E' um dos condemnados á morte que foram executados esta manhã, disse, afastando-se do leito, não sem estremecer.

«Exactamente.

«E quem era?

«Meu filho!

E cahiu no chão sem sentidos.

V

....
....
....

A historia d'esta infeliz era muito simples. Viuva, sem amigos, sem fortuna, com um filho unico, educou-o o melhor que pôde. Por elle se condemnou ás maiores privações. O ingrato deixou-se levar pelas más companhias, salvou sem difficuldade a barreira que separa o delicto do crime, e morreu ás mãos do verdugo. Sua mãe, que até o ultimo instante se teve com a chimerica esperança de salval-o, perdeu a razão quando se convenceu de que era impossivel desfazer o que estava feito. Em vão reclamara o corpo á justiça dentro do mais breve prazo que a lei marca; em vão o occultara n'um asylo secreto: a força cumprira á risca a sua missão.

Recebemos e agradecemos:

Gil Vicente *por J. I. de Brito Rebello. Empreza do Occidente, Lisboa:*

E' este o segundo livro que, sob o titulo de *Ementas Historicas* o sr. Brito Rebello escreveu e sahiu a publico, em primorosa edição do Empreza do Occidente nitidamente impressa em bom papel e profusamente illustrado com magnificas gravuras, para commemorar o centenario de Gil Vicente o fundador do theatro portuguez.

Para avaliar da importancia d'esta obra bastará saber que o volume agora publicado, é, como o seu auctor diz nas palavras com que o precede: «O presente opusculo é resumido de um trabalho mais largamente delineado, que começou a imprimir-se na *Revista de Educação e Ensino*, em 1897, cuja publicação ficou interrompida por causas extranhas a minha vontade.»

E assim é; o sr. Brito Rebello resumiu n'este volume os seus largos estudos, feitos ácerca de Gil Vicente durante mais de vinte annos de investigações e buscas, na Torre do Tombo e em outros archivos que o

O Real Theatro de S. Carlos

MAESTRO LUIGI MANCINELLI

EMMA CARELLI

podessem illucidar da vida e obras do fundador do theatro portuguez, sobre o qual alguma coisa se tem escripto e publicado, divergindo os investigadores quanto, á origem e vida do poeta dos autos e do Ourives auctor da custodia de Belem.

Sobre este ponto dá muita luz o livro do sr Brito Rebello, publicando documentos de que faz boa critica, e quando isso não bastasse para dispertar o interesse dos investigadores, o leitor poderá ainda desenfadar-se com os melhores trechos dos autos, onde em despretenciosos versos esfusia o espirito e a graça do poeta, commentados e explicados para melhor intelligencia do texto.

Livro verdadeiramente portuguez na linguagem e no assumpto, bom é que a nossa litteratura se vá enriquecendo com obras d'este valor.

N'outro logar transcrevemos uns trechos do livro e reproduzimos algumas das gravuras que o illustram, como specimen da obra, que não duvidamos recommendar a nossos leitores.

Arvore de Natal — *Historias para creanças por Zuzarte de Mendonça — Livraria Central de Gomes de Carvalho — Lisboa 1902.*

Abre o presente livro com uma carta do rev. padre Senna Freitas ao auctor e seguem-se os contos com os seguintes titulos:

As Brôas—Boa lição—Mariquinhas—Vocações—Uma aposta — A vingança — Cuspir para o ar — O remorso — As nossas dividas — O santo.

Na carta alludida escreveu o rev. Senna Freitas os seguintes periodos, que muito nos apraz reproduzir, porque n'elles se faz a mais justa apreciação do escripto de Zuzarte de Mendonça:

«O seu livro virá supprir com indiscutivel vantagem tantas collecções de historias frivolas, romanescas como as do antigo Bertoldinho, e anadines para a moral, que por ahi se estão ditando, destinados ás escolas infantis.

«O seu pequeno lavor pedagogico tem a recommendal-o, quanto ao fundo, a nobresa da intenção que parece tel-o inspirado, e o domina da primeira á ultima pagina, a excellencia da moral que lhe é seiva, não só fundada em uma consciencia recta, mas até nas sublimes maximas do livro evangelico, e no puro espirito de Jesus; quanto á fórma, na cristalina singeleza da linguagem, a unica idonea em obras que como a sua, visam á iniciação educativa da infancia»

A Zuzarte de Mendonça endereçamos a expressão do nosso agradecimento pela offerta do seu encantador livrinho.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

O DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Francez, allemão, inglez, hespanhol, italiano e portuguez

EM UM SÓ VOLUME

Este utilissimo livro divide-se em tres partes: 1.ª Trata das diversas pronunciações figuradas. — 2.ª É propriamente o texto do Diccionario, tendo por base a lingua franceza. — 3.ª *É o indice geral alphabetico de todas as palavras das seis linguas* seguidas da respectiva traducção sempre em francez, *que é a base do Diccionario*, permittindo assim a consulta rapida do termo de que se quizer saber a traducção.

É esta 3.ª parte a chave do Diccionario e a mais importante para quem não conhecer todas as linguas.

Cabe a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta uma obra de tão grande valor

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

PREÇO DA OBRA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA: Vol. broc. 5$000, enc. 5$500

EXTRANGEIRO: Vol. broc. 5$500, ou Fr.s 25

Capas para encadernação da obra a 500 réis

EMPREZA D'«O OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA

GIL VICENTE

POR

Jacinto Ignacio de Brito Rebello

Um volume illustrado com os retratos do **Poeta**, de **D. João III** e **D. Sebastião**, Rainhas **D. Maria**, **D. Leonor**, **D. Catharina**. Infantas **D. Maria**, **D. Beatriz**, quadro do **Casamento de El-rei D. Manoel**, **Custodia de Belem**, vista de **Guimarães**, retrato de **Garrett**, **Tumulo supposto de Gil Vicente**, **fac-similes**, etc.

Sahiu do prelo e está á venda

Preço 500 réis

EMPREZA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo

LISBOA